



Eminência Negra: as inflexões do termo negro pelo Movimento Negro Unificado de São Paulo (1978-1988)

Palavras-Chave: Movimento Negro, Identidade racial, Cidadania

Autores:

Guilherme Silva Santos, IFCH - UNICAMP

Prof. Dr. Aldair Carlos Rodrigues (orientador), IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Este projeto buscou analisar a afirmação da identidade negra no Brasil no período que vai da fundação do Movimento Negro Unificado no final da ditadura militar, em 1978, até o centenário da Abolição, 1988. Em plena vigência da ideologia da democracia racial, lideranças negras fundaram um movimento que contestava o discurso oficial do regime e denunciava o racismo no país, com enfoque na violência policial, discriminação racial e desigualdade racial. No bojo desse movimento, havia a busca pela afirmação da identidade racial negra por meio da reivindicação e politização do termo negro em chave positiva, deslocando-o do lugar de estigmatização que havia levado as gerações anteriores a evitá-lo. Nessa pesquisa, interessou compreender a historicidade desse termo enquanto marcador de identidade racial e a inflexão que aconteceu durante o período de redemocratização do Brasil. Para tal, utilizamos a documentação do MNU depositada no Arquivo Edgard Leuenroth (fundo Milton Barbosa) para analisar o que esteve por trás desse processo de (re)emergência do termo negro na agenda do associativismo negro brasileiro. Assim, a pesquisa buscou observar os referenciais que mobilizaram o diagnóstico histórico da nomenclatura das identidades raciais no país e os significados atribuídos à palavra negro nesse contexto.

METODOLOGIA:

Ao longo da iniciação científica, nos atemos ao cumprimento mais fiel possível do plano de trabalho apresentado no projeto de pesquisa. Portanto, nossos esforços iniciais foram dedicados à realização da leitura das bibliografias fundamentais para entender a história do movimento negro brasileiro e em qual contexto sócio-político-histórico o MNU ascende.

Os trabalhos de autores como Amilcar Pereira¹, Flavia Rios², Lucas Pedretti³ e Michael Hanchard⁴ foram essenciais para o processo. Pois, suas obras contribuíram com importantes aportes teóricos para a compreensão dos discursos vigentes sobre identidade no final da década de 1970 e início da década de 1980, assim como suas tensões e dicotomias. Além disso, essa bibliografia nos ajudou a construir uma análise mais refinada das dinâmicas políticas, sociais e culturais que atravessaram a inflexão do termo negro no discurso do Movimento Negro Unificado.

Não obstante, tal literatura também serviu de base conceitual para: compreensão e análise da conjuntura política brasileira do período; reconhecimento da influência dos movimentos afrodiaspóricos na remodelação da pauta identitária no movimento negro; consciência da organização histórica das principais associações ativistas negras do pós-abolição.

Após essa primeira etapa, iniciou-se o contato direto com as fontes presentes no acervo do Milton Barbosa. Em um primeiro momento, procuramos trabalhar apenas as fontes do subgrupo “Coordenadoria Estadual São Paulo” datadas entre 1978 e 1988. Entretanto, rapidamente detectamos algumas limitações que o fundo apresentava perante nosso recorte, como um reduzido número de documentos produzidos durante o período. A fim de contornar tal imbricação e propiciar maior robustez

ao nosso escopo analítico, incluímos outros subgrupos e ampliamos nosso recorte temporal até 1993. Pautados também pela prerrogativa da importância de se trabalhar com pelo menos 2 das 8 pastas referentes aos congressos nacionais do

MNU.

FONTE	DATA	CATEGORIA DE COR	COMO APARECE	COMENTÁRIO
MB MNU CSP Soo2 doc.001	25/01/1987	Negro	"O grupo participou de discussões sobre o problema do negro em escolas públicas atraindo do espasmo aberto pelo governo do estado por decreto lei obrigando as escolas públicas a promoverem discussões sobre o negro." "Foi aprovado na Câmara dos Vereadores a formação de um Conselho do Negro em Franca, a ser composto por conselheiros eleitos na comunidade negra."	Nos dois casos o termo está diretamente relacionado a movimentações políticas.
MB MNU CSP Soo3 doc.001	03/1985	Negro	"Este encontro torna-se necessário, pois o País vive um processo de mudança e nossa comunidade precisa marcar sua posição e discutir temas como: O Negro e a assembleia nacional constituinte, a Juventude Negra no ano internacional da juventude, entre outros assuntos." "Na abertura do encontro estarão presentes lideranças negras de todo o Estado e da região, bem como todos aqueles democratas da classe política, sindicais, entidades sociais autoridades convidadas, etc..." "De Campinas nos vem a notícia da absolvição dos soldados da PM que no ano passado assassinaram freguês o jovem negro Benedito Esequiel, isto acompanhado de outros casos semelhantes como o assassinato do jovem trabalhador metalúrgico Dma Flaviano do Espírito Santo em Diadema, da agressão sofrida por dois trabalhadores negros em S. José dos campos." "Para que o povo Negro seja realmente libertado, é preciso que ele se liberte a partir de sua própria luta vinda da consciência e luta de conquista de seus direitos e de sua organização."	Os trechos se valem do termo <i>Negro</i> para demarcar a importância da atuação política desse grupo social. Há também a denúncia da violência policial sofrida pelo grupo, assim como um reforço a ideia de que os negros ainda não estão totalmente livres.
MB MNU CSP S004 doc. 001	05/10/1987	Negro	"Nos dias 10, 11 e 12 de outubro próximo, realizaremos o I Encontro do Negro das Regiões Sul-Sudeste, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, visando discutir a situação do negro brasileiro, a Conjuntura Nacional e implementar formas de organização do Movimento Negro na região." "No seio dessas discussões, estaremos discutindo a situação dos trabalhadores em geral, e do negro em especial, a fim de estabelecermos formas concretas e sistemáticas de combatermos a discriminação racial e a exploração ao trabalhador."	O termo <i>Negro</i> nesses trechos é utilizado para demarcar uma diferença que vem antes de qualquer outra condição, não só brasileiros ou trabalhadores, mas, sim, Negros brasileiros ou Negros trabalhadores. O termo demarca as necessidades de reivindicações políticas específicas.

Tabela 1: Exemplo de fichamento das fontes do fundo Milton Barbosa.

¹PEREIRA, Amilcar Araújo. **O mundo negro : relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil**. Niterói: UFF, 2010.

²RIOS, Flavia Mateus. **Elite política negra no Brasil: relação entre movimento social, partidos políticos e Estado**. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.8.2014.tde-04022015-124000.

³PEDRETTI, Lucas. **Dançando na mira da ditadura: bailes soul e violência contra a população negra nos anos 1970**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2022.

⁴HANCHARD, Michael George. **Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945 – 1988)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

Sendo assim, os documentos foram fichados com o propósito de identificar as categorias identitárias e de cor presentes nos materiais, priorizou-se o mapeamento das conjunturas em que as diferentes vozes presentes nas fontes empregavam o termo *negro*. Todos os dados e reflexões decorrentes deste trabalho direto com as fontes foram organizados em uma planilha com múltiplas páginas.

Adicionalmente, trabalhamos brevemente com algumas edições do Jornal Quilombo, disponibilizadas pelo acervo digital do IPEAFRO (Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros). Essa inclusão buscou ampliar a perspectiva da pesquisa, permitindo uma comparação entre as vozes e discursos presentes em duas gerações distintas do movimento negro brasileiro. A presença ostensiva do termo *negro* como praticamente o único demarcador de identidade afro-brasileira nas documentações do MNU foi outro fator determinante para a inserção do Jornal em nossa análise. O Jornal Quilombo, produzido entre 1948

e 1950, ofereceu contrapontos interessantes para a análise das transformações nas estratégias de afirmação identitária dos ativistas negros brasileiros ao longo do tempo e na posição oficial desses perante a ideologia da democracia racial.

FONTE	DATA	CATEGORIA DE COR	COMO APARECE	COMENTÁRIO
// (Crianças racistas)	09/12/1948	Negras/ Pretos	"Para início de conversa vou contar um fato bem ilustrativo da complexidade dos problemas que pesam sobre os ombros das mulheres negras e da tarefa que lhes toca como elemento de harmonização, esfacelador das mais sutis divergências entre pretos e brancos que avolumando-se, podem se transformar em motivos de desgraça, odios e guerras."	
		Negras/ Mestiças/ Branca da Bahia	"Como essa existem milhares de crianças brancas, que nós, negras, devemos ensinar que a cor da pele não faz ninguém melhor nem pior, como fez essa minha amiga, já que infelizmente até algumas mestiças disfarçadas em arianas, como essa "Branca da Bahia", ou esse judeu, talvez um foragido do nazismo, não impedem os filhos de alimentar esses estúpidos preconceitos."	
// (Democracia Racial a attitude brasileira)	09/12/1948	Preto	"Mas estão longe de constituir o ódio sistematizado, organizado, arrematado, de branco contra preto ou de ariano contra judeu ou de indígena contra europeu, que se encontra noutros países de formação étnica e social semelhante à nossa."	
		Negros	"Entre nós, os indivíduos de evidente origem africana não se sentem "africanos" ou "negros", mas brasileiros: tão brasileiros quanto os mais puros descendentes de índios; tão brasileiros quanto os filhos de portugueses."	O movimento negro nessa época ainda estava muito aberto aos ideias da democracia racial, enquanto o MNU já rompeu com essa ideia. Será que é nesse ponto que se encontra a chave da questão? em qual momento exatamente o Movimento Negro rompe com Gilberto Freyre e porque? negro neste trecho aparece como uma autodemoniação externa ao brasileiro, assim como um africano não é brasileiro o negro também não seria, no trecho seguinte Freyre comenta sobre a única consciência étnica ser a de brasileiro.
		Preto	"Era da "raça larina" que se sentia o notável brasileiro quase preto. Da "raça latina" e não da africana."	
		Africanos/ Pardos/ Neo-africanos	"Devemos estar vigilantes, os brasileiros de qualquer origem, sangue ou cor, contra qualquer tentativa que hoje se esboça no sentido de separar, no Brasil, "brancos" de "africanos", ou "europeus" de "vermelhos", de "pardos" ou de "amarelos", como si o descendente de africano devesse se comportar aqui como um neo-africano diante de inimigos, e o descendente de europeus como um neo-europeu civilizado diante de bárbaros. De modo algum. O comportamento dos brasileiros deve ser o de brasileiros, embora cada um possa e até deva conservar de sua cultura ou "raça" materna valores que possam ser úteis ao todo: à cultura mestiça, plural e complexa do Brasil. Inclua-se os valores africanos."	Neo-africanos se unindo contra um inimigo não seriam os Negros se reconhecendo enquanto uma classe que precisa lutar contra as opressões especificado Estado, pensado, gerido e dominado por brancos. !!!FALAR COM O ALDAIR!!!
		de cor	"... sobre o homem de cor brasileiro, o Teatro Experimental do Negro, realizou a 15 de julho deste ano, uma solenidade no auditório do Ministério da Educação."	Será que a importância tão grande dada a cor da pele vem do fato de não estar se pensando tanto nesse momento na questão de identidade? afinal, todos são brasileiros.

Tabela 2: Exemplo de fichamento do Jornal Quilombo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A princípio, tínhamos três objetivos principais: (1) analisar a (re)emergência do termo negro, (2) compreender o contexto histórico do MNU e (3) dimensionar o confronto com a democracia racial. Primeiramente, através da análise documental, consideramos que o termo negro já estava consolidado internamente no MNU, não existia debate, inclusive ele era o único marcador identitário utilizado para se referir aos afro-brasileiros. Nessa esteira, o contraponto propiciado pela breve análise do Jornal Quilombo, assim como as teorizações sobre raça oferecidas por Hanchard, nos induzem a pensar que a escolha política do termo *negro* pelo MNU deriva de um novo entendimento que distingue raça de etnia.

Em outras palavras, se a geração anterior do associativismo negro brasileiro ainda pautava o/a “preconceito/discriminação de cor” sob a concepção de raça apenas como um marcador da diferença fenotípica, o MNU, enquanto componente constituinte do Movimento Negro Contemporâneo⁵, identifica na raça a presença de outros marcadores como os de status, classe e poder político⁶. Consolidando internamente a ideia de raça enquanto especificadora do “lugar a ser ocupado nas estruturas de poder e riqueza da sociedade.”⁷, sendo também “utilizada como fator de diferenciação, no sentido de garantir a permanência das desigualdades.”⁸ Desse modo, a categoria *negro* representa antes de tudo a consciência dos processos históricos que construíram no campo discursivo e material os locais sociais reservados para pretos e pardos no Brasil.

Sendo assim, a re(ascensão) do termo *negro*, conforme apresentada pelo MNU, representa por si só um confronto direto à ideologia da democracia racial. Visto que, dentro da noção de Consciência Negra pautada pelo movimento, estava presente o questionamento das relações de poder na sociedade e seus mecanismos racistas, assim como o acirramento das tensões existentes entre negros, mestiços e brancos, de modo que “a reflexão sobre a experiência da discriminação leve a uma tomada de posição.”⁹.

Ou seja, lutar contra a democracia racial, ou nas palavras do MNU “acirrar as tensões”, é colocar o dedo na ferida para ser possível a cura da mesma. E as indicações da realidade “negativa” do negro se diferem da “negativação” do termo ao passo em que possibilitam a imaginação de uma condição melhor, descrita como “realizar-se”.

Ao incorporarmos o apontamento de Rios de que “é preciso ter em vista tanto a democracia racial como mito e ideologia do estado nacional, como as diversas tentativas do regime em dar coerência a esse fundamento da nação.”¹⁰, ponderamos o contexto histórico em que atuou o MNU durante seus anos iniciais. Fundado oficialmente em 1978, o movimento encarou o autoritarismo do regime militar e pautou a questão racial dos afrodescendentes no Brasil em meio a censuras, perseguições e represálias de um regime cuja posição oficial era a de negar a existência de qualquer tipo de discriminação racial.

Durante o processo de redemocratização do Estado brasileiro, o MNU continuou atuando para que as questões sociais e políticas do negro não fossem diluídas ou apagadas pela homogenização de se pensar apenas o direito do “povo brasileiro”. Era necessário se afirmar negro antes de se afirmar brasileiro, pois apenas assim seria possível pautar políticas públicas que não os diluíssem no interior da

⁵PEREIRA, 2010, p. 89.

⁶HANCHARD, 2001, p. 30.

⁷MNU-BA. **Tese 4: raça e consciência negra na construção do projeto político**. 1993. Relatório. Cota: MB_MNU_CON_D.002_DOC.004. Fundo Milton Barbosa, Arquivo Edgard Leuenroth-UNICAMP, Campinas.

⁸Ibid.

⁹Ibid.

¹⁰RIOS, 2014, p. 45.

sociedade, como se fossem “parte da massa, impessoal, sem rosto, sem cor, sem experiência histórica.”¹¹.

CONCLUSÕES

Portanto, concluímos que a pesquisa cumpriu todos os objetivos elencados e que, além disso, ela ainda possui potência social, visto que os debates sobre o termo *negro* existentes naquela época continuam capilarizados na sociedade civil até hoje. Não à toa, no último andar do Museu das Favelas, no qual até o dia 31 de agosto de 2025 estará presente a exposição “Racionais MC’s: O Quinto Elemento”, há o recorte de uma edição da Revista da Folha, publicada em abril de 1994, na qual ao ser questionado sobre a utilização dos termos preto ou negro, KL JAY responde que “Negro é como os senhores chamavam seus escravos. Falo preto” enquanto Mano Brown responde a mesma pergunta com “Tanto faz. Preto é uma cor, branco também. O importante é melhorar a condição de vida das pessoas.”¹².

O fato de não haver nenhum outro elemento no espaço que questione ou contextualize a afirmação dos rappers nos leva a crer que essa pesquisa, que buscou compreender a re(ascensão) do termo *negro* no associativismo negro brasileiro, através do MNU, possui potencial de contribuição para diferentes níveis de debates acerca de nomenclatura, cidadania e identidade racial no Brasil.

BIBLIOGRAFIA:

HANCHARD, Michael George. **Orfeu e o poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945 – 1988)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MNU-BA. **Tese 4: raça e consciência negra na construção do projeto político**. 1993. Relatório. Cota: MB_MNU_CON_D.002_DOC.004. Fundo Milton Barbosa, Arquivo Edgard Leuenroth-UNICAMP, Campinas.

O ARRASTÃO DO RAP. **Revista da Folha**, São Paulo, n. 104, p. 14, abr. 1994.

PEDRETTI, Lucas. **Dançando na mira da ditadura: bailes soul e violência contra a população negra nos anos 1970**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2022.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **O mundo negro : relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil**. Niterói: UFF, 2010.

RIOS, Flavia Mateus. **Elite política negra no Brasil: relação entre movimento social, partidos políticos e Estado**. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.8.2014.tde-04022015-124000.

¹¹MNU-BA, 1993.

¹²O ARRASTÃO DO RAP. **Revista da Folha**, São Paulo, n. 104, p. 14, abr. 1994.